

Elefantes, burocracias e metamorfoses. Acercamentos de um manuscrito muriliano.

Profa. Dra. Sandra Nunes¹ (UNIFIEO)

Resumo:

*Das muitas atividades exercidas por Murilo Rubião destaca-se a direção (e criação) do Suplemento Literário de Minas Gerais. O conhecimento das rotinas da administração pública permitiu a Murilo um posicionamento crítico diante da estrutura estatal. Este aparece refletido no *O Ex-mágico*, mas também pode ser visto nos esboços de um conto intitulado *O Elefante*. Data da década de 60, os manuscritos desta narrativa, que não passou pelo processo de escrita e reescrita, e conseqüentemente, não foi publicado. Significativo para a compreensão e afirmação dos traços de sua obra, ao resgatá-lo torna-se impossível a sua não incorporação ao conjunto de seus textos e como reflexo de uma forma de pensar que coincide com um processo de escrita.*

Palavras-chave: Murilo Rubião, Manuscrito, Contos, Suplemento Literário

A frase de Gustav Flaubert “O gênio é o esforço” constrói-se como o reverso do ideal romântico da criação como fruto de um dom ou da inspiração. Em suas *Cartas Exemplos*, o autor francês mostra-nos que a escrita brota de um processo árduo de procura da expressão exata. O processo de escrita de Flaubert parece antecipar a mudança de enfoque do artista moderno para o fazer artístico, tornando-o o principal, e a obra o acessório.

A pesquisa em manuscritos e outros documentos de escritores permite retrair este processo; neste percurso registra-se a melancolia pela perda do definitivo. Captura-se brevemente o perpétuo deslocamento configurador da linguagem, mostrando-nos a consciência do escritor sobre o intervalo entre palavras e coisas. Visualiza-se a insuficiência da linguagem em tratar o real. O que temos é a ausência do objeto e presença da linguagem. Essa tentativa de aprisionamento assume uma forma e materializa-se sempre que nos deparamos com os pequenos registros presentes nos escritos primeiros de um autor.

Em Murilo Rubião, a percepção deste processo faz-se fundamental. O escritor mineiro do 3^a. momento modernista é um contista singular no contexto literário brasileiro. A opção pelo gênero fantástico o torna inaugurador de uma tendência literária que só encontra paralelos fora do âmbito da literatura nacional. Sua estreia literária dá-se com a publicação de *O Ex-Mágico*, em 1947. Apesar dos mais de trinta anos de produção literária, é autor de uma obra relativamente pequena, pois pode ser definido como um escritor que praticou mais a reescrita do que a escrita propriamente dita.

A forma de pensar muriliana coincide com sua forma de escrever/reescrever seus contos. As transformações não alteram a intriga de suas histórias; o que se verifica de uma versão para outra são substituições de palavras, num sistema contínuo de permutações, que coincide com o tema central de sua obra. A metamorfose ou a modificação aparecerá como elemento forte de seus textos, levando à condenação - ou de personagens que se vêem eternamente lutando com a impossibilidade de encontrar sua própria personalidade, ou de outros que não conseguem conter suas transformações físicas ou atingir os objetivos desejados. Este processo de reelaboração, e o movimento circular que ele produz, não é apenas temática da narrativa, mas também a busca pelo aprimoramento, a busca pela palavra exata, uma busca que guiará cada uma das ações destes seres ficcionais.

Dois pontos são importantes na obra de Murilo Rubião: 1) um processo de criação que está intimamente ligado à obra; e 2) contos e personagens que são variações de um mesmo. A escrita torna-se o elemento primordial para Murilo Rubião, mais do que a narrativa.

A busca pela clareza da linguagem sempre permeou o seu trabalho. Aliás, ele mesmo falará que sua pretensão é “exatamente a clareza”. Tendo como opção o fantástico, que considera difícil, as palavras deveriam ser “as mais transparentes possíveis, para que o leitor não sentisse a sua presença”. Nesta tentativa de transparência e clareza, seus contos são escritos e reescritos, somem e desaparecem; ao voltarem, a história permanece a mesma, mas transformada pelas permutas e ausência de palavras. Jorge Schwartz afirma que “analisar o processo de produção autoral passa a ser elemento-chave para a compreensão da obra” deste autor¹.

Rubião exerceu diversas atividades como homem público. Foi jornalista; chefe de gabinete do governador Juscelino Kubitschek (1951); redator da *Folha de Minas* (1939), da revista *Belo Horizonte* (1940); diretor da Rádio Inconfidência de Minas Gerais (1943); Presidente da Associação Brasileira de Escritores (1945); Representante Comercial junto à Embaixada do Brasil na Espanha (1956); Chefe do Serviço de Rádio-Difusão do Estado e Diretor da Escola de Belas Artes e Artes Gráficas de Belo Horizonte – Escola Guignard (1967); Membro do Conselho Estadual de Cultura (1968); Presidente da Fundação de Arte de Ouro Preto (1969) entre outras atividades públicas. Extremamente cortês, era vulto de destaque nas rodas intelectuais de Belo Horizonte e Rio.

A preocupação com a preservação da história cultural e literária pode ser vista em seu gesto de doação, ainda em vida, para o Centro de Estudos Literários (CEL) da Faculdade de Letras da UFMG, de seu acervo: biblioteca, hemeroteca, documentos pessoais, correspondências, fotografias entre outros. Este acervo, atualmente, faz parte do Acervo de Escritores Mineiros, que procurou preservar a organização dada pelo autor para a documentação e para os seus 4000 volumes doados com suas estantes.

Murilo era minucioso; minúcia que como escreveu Vera Andrade, lembra “a estruturação de seus textos, feitos e desfeitos, escritos e reescritos.” O escritor deixou-nos também organizado os estudos críticos sobre sua obra. Além disso, sua grande coleção de revistas e jornais, nacionais e estrangeiros, faz-nos perceber seu lado de intelectual ativo ligado aos acontecimentos históricos e culturais de sua época.

O desejo de reconstrução deste escritor, e de estabelecimento de pontes metafóricas entre sua vida e obra, conduz-nos a diferentes documentos: cartas, fotografias, recortes de jornal⁸. Levou-nos, também, aos seus manuscritos; um deles é de um conto que jamais foi estruturado: **O Elefante**.

Neste manuscrito, não há a possibilidade de se saber quando se inicia a escrita, pois não existe registro de data; existem 7 folhas com a história e quatro folhas com observações que pretendiam orientar uma elaboração posterior do conto.

Na primeira folha avulsa encontramos frases soltas: A criação do Departamento de Elefantes, Portaria sobre sua alimentação, Treinamento do Pessoal, bolsas de estudos e cursos. Chamar técnico Hindu.

Continua com uma lembrança de que na história deve-se colocar a briga da Tesouraria com a Contabilidade, ressaltando que cada uma das seções se considera mais importante que a outra.

Faz, ainda, a observação que um diretor novo não vendo a razão na compra, quer interromper a transação e não consegue. A burocracia não permite. A máquina começa a andar e não mais para. “O diretor acaba pedindo demissão”.

¹ Schwartz, Jorge. *Murilo Rubião: A poética do Uroboro*. p. 88.

Encontramos ainda os nomes de Sérgio Faraco e Cristiano Martins com o conselho de que o elefante seja substituído por hipopótamo. Murilo tinha o hábito de levar as idéias e o esboço de seus contos para que os amigos pudessem dar sugestões e intervir, mas não fica claro se foi uma observação dos dois..

No mesmo papel, encontram-se escritas as frases: Número especial; Fotos com o pessoal do Suplemento e Minas Gerais; (Geraldo, Mário Garcia organizar opiniões do pessoal). Estas anotações levam-nos a deduzir que os esboços podem ter sido feitos no período de criação do Suplemento Literário.

Inicia-se, então, a construção do enredo da história. O narrador, em 3ª. pessoa, afirma que o diretor deseja saber o porquê de se comprar um elefante branco. Coloca entre parênteses que esse diretor pedirá demissão depois. O chefe, mesmo sem saber a resposta, acha compra importantíssima.

“Vão saber do escritor Murilo Rubião é ele quem diz que o elefante é o escritor por excelência”. Mas o diretor não se convence, apesar do chefe do DA considerar a compra de interesse público, pois o suplemento literário seria o primeiro no mundo a ter um elefante como redator (ou colaborador). O diretor questiona por que um elefante no suplemento se há anos este não é publicado. Quem responde diz que foi Guealdal/Gnealdal – a letra não permite uma compreensão exata do nome – Parente, o melhor funcionário que o Estado já teve, “que teve a idéia genial de não publicar”. Contudo, preferiu-se aumentar o salário dos que ali estavam - “medida de grande alcance social”, com a Frase do Guealdal/Gnealdal: “Primeiro o pão, depois a estética”.

Com o título: A compra do Elefante – 1º. Março de 1966, reforça-se a idéia de que o conto teria sido esboçado neste período. Deste ponto em diante o conto assume um formato distinto dos outros contos murilianos: a estrutura epistolar. A opção, porém, é pelo formato da comunicação administrativa pública: o ofício.

Sr. Diretor:

Foi encontrado junto com o pedido de desligamento do servidor Murilo Eugenio Rubião, Assessor Técnico Administrativo, da Secretaria da Saúde, à disposição da Imprensa, “que disse textualmente: Desligo-me do Serviço para escapar desse tremendo elefante branco em que se transforma um simples requerimento de rotina”.

Este primeiro ofício desencadeia toda a história, pois a incompreensão do texto por um funcionário leva à compra do elefante e a história continua sendo contada a partir destes ofícios.

2 de fevereiro de 1967

“Sr. Diretor:

Não entendi bem o seu despacho sobre a compra do elefante. Mas, a comissão designada para estudar o assunto, em tempo recorde, chegou à conclusão de que o elefante pode ser comprado.”

Faz-se a compra do elefante. Este, porém, passado algum tempo entretistece com a rotina e morre.

Murilo Rubião foi um dos fundadores e primeiro editor do Suplemento Literário, em 1966. Colecionou o jornal até 1991, ano de sua morte. A linha editorial do Suplemento Literário era bastante inovadora, com a preocupação de divulgar trabalhos de críticos consagrados como de iniciantes no meio universitário. Neste empreendimento editorial, o escritor também foi responsável pelo lançamento de jovens poetas e escritores mineiros, o que fez com que Humberto Werneck, em *O Desatino da Rapaziada*, declarasse que Murilo não havia criado mais um suplemento:

criou também um ponto de convergência, encontro e crescimento para os diversos grupos de jovens escritores e artistas plásticos que desordenadamente chegavam à cena.

Essa geração foi chamada posteriormente de Geração Suplemento.

Logo estabeleceu-se um processo interessantíssimo de convergência entre o Suplemento Literário do Minas Gerais e o Diário Oficial do Estado. Murilo Rubião apoiava-se em uma tradição do *Minas Gerais* que sempre teve uma página literária - o poeta Carlos Drummond de Andrade foi redator do Minas Gerais, nos anos 30, e publicou textos literários neste jornal.

Murilo recuperava isso, mas segundo Ângelo Osvaldo, de uma maneira moderna, organizada, trazendo os artistas plásticos mais interessantes, que ilustravam os textos de poesia e literatura. O jornal era um órgão do Estado, o Minas Gerais, que circulava no sábado, também, e o Suplemento saía encartado nesta edição mas com uma tiragem à parte. O inusitado da distribuição era chegar às mesas de cartórios, fóruns, e escritórios do Ministério Público, em toda a rede burocrática do Estado, fazendo brotar uma informação nova.

Ângelo Osvaldo analisa o fato como um gesto de subversão:

onde se lia burocracia começou-se a ler vanguarda, contestação; onde se lia burocracia começa a surgir esse quadro de uma informação nova, renovada, e com compromisso de vanguarda.

As atividades do Suplemento Literário do Minas foram intensas no período em que Murilo Rubião o dirigia. Apesar da intensa atividade Murilo não deixou de ter os problemas próprios de quem tem o papel de gestor em uma organização pública. O Suplemento Literário passou por altos e baixos após sua saída, e parece jamais haver recuperado os anos de esplendor que viveu sob a direção do escritor.

Murilo Rubião dedicou-se à área pública por toda a sua vida, visto como um grande administrador por conhecer os meandros das organizações estatais. O enredo do conto permite-nos a criação de um elo entre sua visão da esfera pública e a percepção do absurdo da burocracia estatal. O crítico Davi Arrigucci Jr., em "O Mágico Desencantado ou as Metamorfoses de Murilo"², já havia apontado que, em "O Ex-Mágico da Taberna Minhota", a personagem central, um mágico "desencantado" que experimenta o sentimento de impotência "por não ter realizado todo um mundo mágico", também torna-se funcionário público e tem seus poderes extintos pela burocracia. Retorna a apontar o tema da perversão burocrática nos contos murilianos em 1987, em "Minas, Assombros e Anequias (Os contos fantásticos de Murilo Rubião)"³.

A temática, então, encontra-se em distintos momentos da obra do autor. No conto "A Fila", poder-se-ia estabelecer uma comparação entre a sua estrutura e a estrutura burocrática, no sentido pejorativo da palavra, mostrando como "o método de construção da narrativa tem como princípio estrutural exatamente a mesma regra que domina a organização burocrática": a rotina estéril.

Esta rotina estéril seqüestra a surpresa, permitindo-nos vislumbrar a herança da ironia machadiana. Se Murilo houvesse escrito e publicado este conto, burocracia e absurdo se constituiriam como as principais características dessa narrativa.

Interessante observar que esse absurdo ainda continua nos desarmando como leitores. Plagiando Arrigucci: Como considerar um narrador que não se surpreende diante das próprias invenções fantásticas? Constrói-se a questão na leitura dos esquemas deste manuscrito.

² Rubião, Murilo. *O Pirotécnico Zacarias*. São Paulo: Ática, 1987.

³ Arrigucci Jr., Davi. "Minas, Assombros e Anequias (os contos fantásticos de Murilo Rubião)". *Enigma e Comentário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

Mais um vez recuperando o crítico, Arrigucci Jr., vê que o não-estranhamento diante do absurdo tem raízes na impossibilidade de transformação pelo mágico, o que, ao invés de gerar a mudança, leva à esterilidade. As mágicas representariam apenas momentaneamente a supressão da rotina. Segundo ele, “o seqüestro da surpresa tem raízes na realidade social de algum modo transposta para o espaço labiríntico dos contos”. O fantástico vem como metáfora do real ou como o real transfigurado.

Faz-se importante ressaltar que O manuscrito de O elefante reforça a opção estética de Murilo Rubião e retoma os temas exercitados em seus contos. Para nós leitores de Acervos Literários, ainda que este seja um texto embrionário - e podemos utilizar a mesma observação feita por Jair Rebelo Horta⁹ - propicia uma leitura agradabilíssima.

Referências Bibliográficas

- [1] Schwartz, Jorge. Murilo Rubião: A poética do Uroboro. Referências conforme ABNT
- [2] Arrigucci Jr., Davi. “Minas, Assombros e Aneotas (os contos fantásticos de Murilo Rubião)”. *Enigma e Comentário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- [3] Rubião, Murilo. *O Pirotécnico Zacarias*. São Paulo: Ática, 1987.
- [4] Manuscritos do conto O Elefante. Acervo de Escritores Mineiros.
- [5] Entrevista realizada com o prefeito de Ouro Preto, Ângelo Oswaldo, em janeiro de 2006.

Autor

¹ Sandra Regina Chaves Nunes, Doutora em Comunicação e Semiótica: Literatura e Pós-Doutorado em Teoria Literária pela UFMG
Centro Universitário Fieo - UNIFIEO
srnunes@faap.br